
LEITURA, ESCRITA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES: VELHOS TEMAS DE PESQUISA NUMA “E-NTREVISTA” EM NOVO FORMATO

*Maria Teresa de Assunção Freitas**

O convite feito por **Teias** para que organizasse uma entrevista com Sonia Kramer em torno dos temas “leitura, escrita, formação de professores” soou como possibilidade de recomeçar uma conversa há muito iniciada em nossas trajetórias de pesquisa. Percebi, no entanto, que seria uma entrevista diferente. Não estaríamos diante uma da outra como numa conversa face a face. Entre nós haveria a distância de mais de 190 quilômetros de estrada que separam/unem o Rio de Juiz de Fora. E assim, tecendo minhas perguntas que via escritas na tela e que seriam enviadas por *e-mail*, pude interagir com as respostas também assim produzidas. Enfim, esta foi uma entrevista virtual, construída usando o recurso da tecnologia da internet, um novo meio para ressignificar velhas questões.

Teias – Sonia, sei que como pesquisadora você tem se dedicado ao estudo da leitura/escrita na formação de professores. Por que o seu interesse por essa temática?

Sonia Kramer – Porque considero o acesso à leitura/escrita um direito de todos e desde que comecei a me interessar pela educação, no início dos anos de 1970, sempre fiquei muito mobilizada com a questão do analfabetismo, os desafios da sociedade brasileira no que se refere à cidadania e com os desafios da escola brasileira. Na verdade, a pergunta que costumo fazer é: quem está incluído neste todos? Ao mesmo tempo, a influência da filosofia e da pedagogia de Paulo Freire me marcaram de tal modo que constituíram em mim uma concepção de leitura/escrita como ação cultural, como formação cultural e como – já mais tarde, nos anos de 1990, a partir da contribuição de Walter Benjamin – como experiência de cultura.

Esse interesse é tão grande quanto meu envolvimento com a criança de 0 a 6 anos. Esses dois interesses – como dois lados que sustentam meu trabalho em educação – são na verdade duas faces deste único processo – o processo de formação, já que na formação vamos sendo constituídos de linguagem (falada, escrita) e vamos fazendo a nossa história. O ser humano tem uma história, a humanidade tem uma história, porque temos infância.

Teias – Queria que você contasse um pouco a história do seu grupo de pesquisa falando das pesquisas realizadas, dos trabalhos nele desenvolvidos. Como através dessas pesquisas você percebeu a leitura/escrita que acontece na escola?

Sonia Kramer – Você sabe que ao longo dos anos de doutorado – em que tivemos a oportunidade de nos conhecer, Teresa, e de construir essa amizade tão fecunda regada a discussões teóricas e companheirismo – procurei aprofundar a minha compreensão sobre pedagogia e linguagem. De 88 a 92, estudando, de um lado, Benjamin e a teoria crítica da modernidade e da cultura e, de outro lado, Bakhtin e sua concepção de linguagem e diálogo, entendi a centralidade da linguagem nas interações humanas, e conseqüentemente, nos processos educacionais e escolares. Compreendi

*Pedagoga, doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFJF.

que, com frequência, na escola se fala muito de linguagem, mas quase não se ouvem as vozes das crianças e dos jovens (calados como alunos) e dos adultos (alunos, pais e também professores e professoras). Pude entender também que a história vai se pendurando nas palavras, nos ditos e nos não ditos, nos gestos, nas entoações, já que a palavra tem franjas, como diz Bakhtin. E que a linguagem concreta que é praticada nos processos pedagógicos é em geral normativa e prescritiva. Simultaneamente, na escola, a linguagem é quase sempre vista como instrumento, ela é meio, deixando-se do lado de fora não só as histórias dos atores das práticas, mas deixando de fora também a linguagem literária, artística, a linguagem poética que, dizendo para além do que diz, permite que sejamos plenamente humanos. Este é o centro do trabalho que acabou saindo publicado, já há dez anos em “Por entre as pedras: arma e sonho na escola: leitura, escrita e formação de professores”.

Tão logo terminei meu doutorado, em 1992, organizei uma equipe de pesquisa voltada para o estudo das relações que os professores têm com a leitura/escrita. O projeto de pesquisa “Cultura, modernidade e linguagem”, desenvolvido durante 6 anos, de 1993 até 1999, e que foi desdobrado em 3 projetos: “o que narram, lêem e escrevem os professores”; “leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação” e “o que lêem e escrevem futuros professores e seus mestres”, que focalizou as práticas de leitura e escrita de professores e alunos em três escolas de formação de professores – duas públicas e uma particular – bem como das disciplinas mais vinculadas à linguagem e à leitura e escrita. A epígrafe do relatório final do projeto trazia duas citações: uma, de Walter Benjamin onde ele diz que “Tudo o que era guardado a chave, permanecia novo por mais tempo... Mas meu propósito não era conservar o novo e sim renovar o velho”. Expressei assim minha visão de que só se pode compreender o presente quando se leva em conta o passado, criticamente, e se projeta um futuro diferente daquele que aos olhos fatalistas só poderia ser do jeito esperado, sem mudança. Escovar a história a contrapelo, como Benjamin propõe, é fundamental. A outra citação em epígrafe era do Maurizio Gnerre, e dizia: que “...a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder.” Talvez, Teresa, o que pretenda com a linguagem artística, literária é derrubar esse arame farpado.

Teias – Que lugar você vê para a literatura na formação do professor?

Sonia Kramer – Bem, de certa maneira eu já comecei a responder essa questão. Penso que, na formação, é preciso partir da compreensão de que a linguagem nos constitui e que é fundamental tomarmos consciência da linguagem que falamos. Precisamos, como professores, tomar consciência de que os conceitos e os preconceitos historicamente vividos pela sociedade em que estamos inseridos vão se agarrando nos diálogos: eles falam em nós porque foram escritos em nós, na nossa carne. A literatura ocupa um papel central nesse processo, porque ela nos permite o sentimento de aventura da descoberta, da compreensão do outro, ela nos ajuda a sentir a dor do outro, e pensando no outro, ela nos incita a pensar sobre nós mesmos, nossas dificuldades, limites, sentimentos de fracasso e conquista. O mundo contemporâneo parece tentar apagar as dores, limpar as diferenças – embora se fale tanto nelas – e camuflar a desigualdade. Penso que com a literatura aprendemos a ver os detalhes que não estão visíveis, ouvir os sussurros, sentir as dobras, as rugas. Não só a literatura, mas toda a produção cultural – a música, o cinema, a pintura, a fotografia etc – quando revestida de sua dimensão de arte possibilita esse encontro com o outro, e, portanto, consigo mesmo.

Trabalho assim com meus alunos, com professores em encontros de formação e são esses os princípios que orientam as consultorias que faço: o de que tão importante quanto ler os textos teóricos e científicos sobre leitura e escrita, linguagem ou pedagogia é ler Clarice Lispector, Drum-

mond, Graciliano Ramos ou João Cabral de Melo Neto (para falar de alguns dos meus preferidos), deixando-se marcar por sua produção. Quando leio no poema Carreto, por exemplo, do Mário Quintana, que “amar é mudar a alma de casa” ou quando escuto de Manoel de Barros que “tudo o que não invento é falso” estou aprendendo tanto sobre educação, leitura e escrita quanto nos textos teóricos. Aliás, estou aprendendo MAIS! Aprendi com o filósofo e grande professor Hilton Japiassu que a filosofia não serve para nada: não serve porque não é servil, não se subjuga, não se subordina, ela desobedece, desvia. Digo o mesmo em relação à literatura: a literatura não serve para nada; não serve no sentido de que ela não é servil.

Teias – Que contribuições estas pesquisas podem estar trazendo para se pensar as políticas públicas de formação de professores no que se refere às questões da leitura e da escrita?

Sonia Kramer – Quando fizemos a pesquisa nas 3 escolas de formação, que está publicada em “Didática da Linguagem: ensinar a ensinar ou ler e escrever?”, fiquei muito surpresa ao perceber que as alunas – futuras professoras – tinham mais de 20 tempos semanais de aulas cujo objeto era diretamente a linguagem, a leitura e a escrita. Eram horas de aulas de Metodologia da Linguagem, Didática da Linguagem, Métodos e técnicas de Alfabetização, Literatura, Língua Portuguesa etc. Tratava-se de linguagem, mas não se produzia linguagem; falava-se de leitura, mas não se lia. Nessas aulas, não se lia ou escrevia: as professoras tentavam ensinar a ensinar a ler (mas como ensinar a ler sem ler?) e as alunas copiavam. Em uma das escolas (aliás, devo lembrar que as três eram e são consideradas escolas de qualidade) durante um semestre inteiro por exemplo, na disciplina Literatura Infantil, não vimos nenhum livro. Veja só, Teresa, esta é uma questão de currículo. Por outro lado, uma das coisas mais delicadas desta pesquisa foi termos encontrado uma face difícil de olhar: a nossa própria face. Me explico: as professoras destas escolas saíram das faculdades de educação ou letras. E o que o referencial teórico com o qual tenho trabalhado ajuda a entender é que não se trata deles, os outros e seus erros ou problemas, mas de nós também que os formamos. Aqui está a dimensão ética de nossa pesquisa, que não nos permite ficar confortavelmente olhando e comentando o real, mas que, ao compreendê-lo, se inquieta com ele, se incomoda, se deixa tocar, envolver, questionar. Se pergunta.

Outro aspecto central é o de que, para formar professores e profissionais da educação, suas histórias – pessoais e profissionais – assim com as histórias das propostas que desenvolvem e das equipes em que estão inseridos é muito importante. Esta perspectiva tem a direção contrária da grande maioria dos projetos de formação e mudança; entendo que só é possível mudar – e o processo de formação é um processo de mudança – quando o passado é levado em conta, quando se resgata a história vivida, colocando-se o presente numa situação crítica e preparando para um futuro diferente daquele que se suporia o mesmo, diferentemente de projetos que agem como se pretendessem jogar fora a experiência passada, reciclá-la, deixar as histórias irem pelo ralo, como se fosse possível colocar os professores em ponto morto e sempre recomeçar do nada. Ou seja, como se eles e elas não fossem sujeitos da história.

Teias – Em alguns de seus textos você indaga: como o professor que não é leitor/escritor pode formar o leitor/escritor? Como suas pesquisas ajudam você a responder essa questão?

Sonia Kramer – Em primeiro lugar, é preciso entender o contexto em que nos situamos. A estrutura econômica desigual da sociedade brasileira, a alta concentração de renda, a lentidão da reforma agrária, os problemas resultantes de uma história de exclusão, foram recentemente agrava-

das pelas mudanças no mundo do trabalho e pela conjuntura internacional. Perdemos uma sociedade do bem estar que nunca tivemos (é aquela história do todos a que me referia antes...). Nossa população continua sem acesso a bens materiais primários, os índices de mortalidade permanecem altos, os serviços de saúde de qualidade, a garantia da habitação, condições de saneamento e de trabalho são ainda sonhos e desejos que queremos ver realizados. Também o acesso à produção cultural, bem como a valorização da cultura produzida nas relações sociais não se concretizou. Aliado a isso, temos a ação da mídia que generaliza e dissemina as informações, mas que não favorece grande parte das vezes a compreensão de mecanismos, processos ou fenômenos. O fato é que os professores e as professoras formados nas últimas décadas, passaram por escolas situadas nestas condições, escolas pobres para pobres, mas que historicamente tiveram – como sabemos – dificuldade de lidar com a pobreza e com a diferença. Assim que, penso, estamos diante de uma situação em que os professores muitas vezes precisam ensinar o que não tiveram a oportunidade de aprender, embora fosse seu direito e embora tenham permanecido na escola nos anos da escolaridade obrigatória e outros mais. Costumo dizer para meus alunos que – sem nenhuma metáfora – precisamos realmente aprender junto com as crianças, jovens e adultos com os quais trabalhamos. No caso da leitura e da escrita – que você está focalizando desde o início da entrevista – é preciso que as instâncias de formação coloquem a ênfase no potencial formador da leitura e da escrita, favorecendo que os professores atuais e os futuros professores leiam e escrevam. Que leiam não para conhecer escolas, estilos ou correntes literárias, mas que leiam para nada. Apenas para usufruir, desfrutar, saber sentir o gosto da aventura, deslumbrar-se com a poesia, para aprender valores, para conhecer a si e aos outros. Que todos leiam e não tremam de medo diante da página em branco, mas que saibam expressar-se, marcando o papel, como se marca a história; todos quem? – crianças, jovens e adultos, estejam na condição de alunos ou de professores.

Teias – O que você compreende por “leitura como experiência”?

Sonia Kramer – A leitura pode ser passatempo, diversão, distração, informação, aprendizagem, pode ser feita como hábito ou gosto. Há várias formas de se ler; diversas práticas e modos de ler. Para mim, sem excluir as demais maneiras de compreender e praticar a leitura, conceber a leitura como experiência é entender que mais do que passatempo ela pode significar aquilo que não passa, mas ao contrário que permanece, que fica em mim, que em mim é deixado, marcado, pelo lido, o que se planta em mim das leituras que fiz. Encontrei em Walter Benjamin o fundamento teórico para esse conceito sobre o qual tenho pesquisado e sobre o qual tenho escrito em vários trabalhos. Falo pouco aqui sobre ele, mas entendo que o conceito de leitura como experiência, e de escrita como experiência é a chave para uma prática de leitura e de escrita que assuma e assegure a sua dimensão formadora.

Teias – Que influências estas pesquisas tiveram na sua própria prática de professora formadora de professores?

Sonia Kramer – No livro Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso, digo que a pesquisa invadiu a minha sala de aula desde então. As pesquisas sobre leitura e escrita, aquilo que pude aprender com as trajetórias das professoras entrevistadas, e o que pude observar das suas práticas mudaram o meu modo de interagir com os alunos e com professores e profissionais da educação: quero sempre saber não só o que já estudaram, que cursos fizeram, que práticas realizaram, mas preciso conhecer também as práticas culturais em que se inserem. O que lêem, o

que escrevem, se vão ao cinema ou vêem vídeo e o que vêem, que experiências têm – se é que têm – com a arte, se freqüentam museus etc. Por outro lado, em todas as minhas aulas, palestras, conferências e os processos de formação de que participo, a arte em geral, e a literatura em particular, precisam estar presentes, serem apresentadas, presentificadas. Mesmo quando escrevo, me lembro – como diz o Mário de Andrade – “que escrevo sobretudo porque amo os homens”. Um quadro de Goya, uma música de Vinicius de Moraes, um conto de Machado de Assis são o cerne, o caroço, o núcleo de um processo formador onde o fundamental não é nem de longe conhecer Goya, Vinicius ou Machado, mas apreciando a produção deles, produzirmos nós. E, nesse processo, nunca me esqueço de que como ensina o Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, só que (atenção!) tenho uma forma cuidadosa e muito pessoal de compreender esta idéia: não me esqueço de que a leitura do mundo, do contexto, é fundamental, ela vem antes e dá o contorno da leitura da palavra, do texto. Mas a leitura do texto é também fundamental: sem ela a leitura do mundo se torna incompleta, um vazio, pois seria um antes sem um depois... Seria o reconhecimento de um direito apenas anunciado, quando o quero praticado, concretizado, exercido.

Teias – Como em seu grupo, você, nessas pesquisas, realizou um trabalho formador com a própria equipe?

Sonia Kramer – Entendo que a equipe de pesquisa é o lugar de se pensar o mundo, as questões da educação e da escola, de tematizar, no meu caso leitura e escrita naqueles anos de que falei há pouco, e infância e educação infantil, como estou envolvida agora. O espírito da pesquisa é que nela se pode colocar as certezas – se existem – em dúvida. Todo pesquisador precisa transformar afirmações em perguntas, como costume propor, até como exercício. Além disso, o grupo de pesquisa favorece o trabalho coletivo, a produção coletiva, que é sempre beneficiada com as diferenças.

Aprendi a trabalhar em pesquisa na PUC do Rio, desde quando ingressei para fazer o mestrado em 1979. Na pesquisa, o essencial é a postura de estudo, de leitura crítica do mundo e da palavra, e se quisermos voltar a Paulo Freire no seu texto “Considerações críticas em torno do ato de estudar” um breve e belo texto que se encontra no livro “Ação cultural para a liberdade”. Refiro-me aqui ao estudo do tema a que se volta a pesquisa – seu objeto ou os sujeitos da pesquisa (se lembramos com Bakhtin que nas ciências humanas o objeto é sempre um sujeito que fala) – e também a um referencial teórico base que sustenta e orienta a investigação, um marco teórico denso que ajude justamente a aprofundar a discussão sobre pesquisa, sobre a relação pesquisador-pesquisado. No meu caso, venho encontrando este referencial em Bakhtin e Benjamin, como já disse, abrindo o estudo para outros autores e pesquisas.

O processo da pesquisa nas ciências humanas é estudo de textos, diz Bakhtin. Há um texto antigo da Miriam Limoeiro, chamado *O Mito do Método*, onde ela de modo exemplar fala do processo da escrita ao lado da parcialidade e da provisoriedade do conhecimento. Gostaria de comentar como o que há para conhecer é muito mais do que o que conseguimos registrar numa gravação, transcrever de uma entrevista, escrever do observado no diário de campo. Por outro lado, o que resulta em um artigo é mais recortado e abreviado ainda.

O que me instiga nesse processo é o fato de a pesquisa favorecer as interações entre professores e alunos, possibilitando que uns aprendam com os outros e, nesse sentido, a diversidade é altamente enriquecedora. Gosto muito de trabalhar com alunos de graduação, na Iniciação Científica, lado a lado com pós-graduandos de especialização, mestrado e doutorado. Entrando no grupo em

momentos diferentes, participando de todas as etapas do projeto, no meu entender todos vão se formando pesquisadores à medida que aprendem a ver o outro, se colocar como um outro, se colocar no lugar do outro.

A disciplina é fundamental também, tal como a prática de trabalhar devagar e sempre, permitindo ouvir as próprias inquietações e as dos colegas, construindo um olhar sensível e crítico para observar e no comum enxergar o incomum, de detectar o que não se mostra à primeira vista ou a todas as vistas... Também é necessário aguçar o ouvir no processo das entrevistas, compreender os dados quando se recorre a métodos quantitativos, já que não são simplesmente dados mas sobretudo construídos.

Na formação dos pesquisadores mais uma vez a leitura e a escrita desempenham papel central: a leitura porque pesquisar exige estudo constante, sério, profundo; a escrita, porque com a escrita sistematizamos o conhecimento, organizamos nossa própria conduta e as reflexões feitas. Trabalho na equipe de pesquisa com mini-grupos como carinhosamente os denominei desde 1993, entendendo que são uma importante instância de estudo, de pesquisa de campo e de produção de textos, e com o coletivo, estudando a teoria, pensando a empiria, criticando o trabalho dos mini-grupos, colocando questões. Ao mesmo tempo, também desde 1993 iniciamos a elaboração de atas, escritos vivos que relacionam a teoria, as questões da prática da pesquisa e os aspectos da experiência do grupo, que configuram assim a história ao vivo de um coletivo que se constrói ao mesmo tempo em que constrói as categorias analíticas, as conclusões, as novas perguntas. Sobre esse processo, há alguns textos nossos nos livros “Histórias de Professores: leitura, escrita e pesquisa em educação”, organizado por mim e Solange Jobim e Souza e também no “Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso”.

Teias – E hoje, o que você está fazendo em termos de pesquisa?

Sonia Kramer – Bem, a partir de 1999, retornei ao meu tema de origem: a infância e a educação infantil, procurando levar todo este referencial construído. Estamos desenvolvendo o projeto “Formação de profissionais da educação no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação”, um projeto que se situa nos campos da educação infantil, políticas públicas e formação de professores e tem como objetivo o estudo da formação de profissionais de educação infantil, que atuam em creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental no Estado do Rio de Janeiro. O referencial teórico-metodológico é construído também a partir da obra de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, além da produção da área da educação infantil. Temos uma concepção de infância como construção social, uma a visão de infância – como cidadã de direitos – alicerçada na história da infância e na sociologia da infância. De 1999 a 2001, fizemos um estudo de natureza quantitativa relativo à cobertura da educação infantil no Estado, com levantamento e análise de propostas pedagógicas de formação de profissionais da educação infantil das redes municipais. O estudo da situação da educação infantil e da formação dos profissionais foi realizado a partir da base de dados montada através da aplicação de Questionário às Secretarias Municipais de Educação do Estado do Rio de Janeiro, em 2000.

Demos continuidade a este projeto – e o faremos até 2004 – no sentido de compreender a gestão da educação infantil e seus problemas, e as políticas de formação de profissionais da educação infantil. Buscamos conhecer a situação da educação infantil nos municípios do nosso Estado, as histórias das suas propostas de formação e as histórias dos profissionais responsáveis pela gestão. Aqui, tivemos como estratégias metodológicas a revisão da literatura e análise documental, incluín-

do materiais produzidos por Secretarias; entrevistas com responsáveis pela educação infantil de municípios da Capital e Região Metropolitana, além de 5 entrevistas coletivas reunindo responsáveis pela educação infantil de diferentes municípios. O foco das entrevistas foi o relato das histórias da formação dos profissionais da educação infantil. O referencial teórico-metodológico de análise das entrevistas foi delineado com base na concepção de linguagem de Bakhtin. Só foi (só é) possível realizar esta pesquisa porque contamos com apoio do CNPq e Faperj, desta agência no Programa Cientistas do nosso Estado. Por outro lado, além do projeto institucional, estamos realizando estudos específicos, a fim de analisar modos de implementação de propostas de formação (das políticas públicas municipais ou instituições) e suas práticas. Tal objetivo vem se concretizando através de monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Em síntese, Teresa, neste momento, nosso grupo de pesquisa está desenvolvendo três eixos. Um se volta para estudos e pesquisas de políticas públicas sobre infância, educação infantil, a nível federal, estadual e municipal. Incluímos aqui análises de documentos oficiais e textos de caráter legal, propostas pedagógicas escritas, diretrizes e políticas de formação de profissionais da educação infantil, documentos de agências internacionais e análise crítica do papel dessas agências, levantamento de dados quantitativos e estudo de seu significado enquanto expressões das políticas. Outro se refere a estudos e pesquisas de práticas educativas, tanto na educação infantil quanto na formação de seus profissionais, procurando compreender suas relações dinâmicas, sua complexidade, conhecer e registrar suas histórias, condições de trabalho, conquistas, dificuldades, conflitos, desafios enfrentados. Incluem-se aqui análises das interações entre crianças e adultos – professores, auxiliares, funcionários, equipe pedagógica pais, equipes de secretarias de educação. Entrevistas com profissionais, observação da prática, e descrição densa das práticas são focos importantes deste eixo. Por último, mas não menos importantes, temos desenvolvido estudos e pesquisas de crianças em diferentes contextos e interações, analisando as interações entre crianças e de crianças com adultos, produções culturais, construção de conceitos, aquisição de preconceitos (escrita, narrativas, literatura, desenho, as relações da criança com a cidade, espaço, corpo). Além dos trabalhos sobre educação infantil, estão sendo desenvolvidos estudos sobre práticas de leitura e escrita (crianças nos primeiros anos do ensino fundamental; salas de leitura e práticas de jovens de 5^a a 8^a séries); crianças em contextos urbanos diversos (shoppings, praças, museus e outros).

Meu grande interesse, nesse momento, após a sistematização do material das entrevistas, se situa no estudo de crianças de 0 a 10 anos em diferentes contextos, incluindo tanto situações de ensino regular (educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental) quanto espaços de socialização fora de espaços institucionais. A questão central que me move agora é a de conhecer as crianças e compreender tanto a infância na cultura quanto a cultura da infância na sociedade contemporânea.

Não é pouco, eu sei! Mas tenho tido a felicidade de contar com alunos de graduação e pós-graduação em diferentes configurações de grupos de pesquisa que, ao longo destes 10 anos de que acabei falando aqui, me ensinam e me motivam a prosseguir. Da mesma forma, tem nos ajudado o modo com que temos sido recebidas por professores, professoras e pelas redes públicas municipais, onde nos encontramos mergulhados, e que abrem suas portas e seus corações, que relatam suas histórias, partilham suas dificuldades e nos fazem aprender e, portanto, nos permitem devolver dar um retorno, quer seja sob a forma de conhecimento mais sistematizado sobre a educação infantil, a formação e a gestão, quer sob a forma de subsídios para políticas públicas e para as práticas.

Teias – Um recado final?

Sonia Kramer – A alegria de poder estar contando agora aqui para você e a satisfação de saber que – ainda que não pense que toda pesquisa deve apresentar contribuições para as políticas e para as práticas – neste caso pudemos fazer isso: graças aos financiamentos obtidos de CNPq e Faperj, entregamos uma cópia do relatório aos responsáveis pela educação infantil dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, abrindo-nos a críticas também. Assim fazendo apenas pretendemos contribuir, com a pesquisa, para a concretização da educação infantil, direito social de todas as crianças. A visão de ciência que me movimenta é a que leio no poema de Carlos Drummond de Andrade quando, ao falar de Cerâmica, diz: “Os cacos da vida colados, formam uma estranha xícara. Sem uso, Ela nos espia do aparador”.

Fazer pesquisa é ir reunindo os cacos, não permitir que sem uso a louça nos olhe apenas... Inútil, mas está bom de parar porque, de resto, a poesia não precisa de explicação. Muito obrigada a Teias e a você, Teresa, por me permitir falar do nosso trabalho.